

# O Movimento Estudantil tem lado: o lado do povo brasileiro!



*\*Por Lara Carina Amorim*

O crescimento do pensamento conservador no Brasil está para além da política institucional e esse é um elemento importante da conjuntura. Os movimentos de juventude capitalistas se expandiram nos últimos anos, ocupando importantes espaços, como o DCE da Universidade de Brasília.

Na contra-mão de tudo que a juventude brasileira conquistou nos últimos anos em termos de direitos e consciência política, a “Escola Sem Partido”, mais conhecida como “Lei da Mordaca”, ganha força com a invasão desses setores nas entidades representativas. É possível traçar vários pontos em comum entre o PL do deputado federal Izalci (PSDB/DF) e o avanço da direita no movimento estudantil, pois o discurso é o mesmo: a falsa ideia de apartidarismo.

Sabemos que o objetivo deste discurso é alienar as e os estudantes a partir de uma ideologia burguesa, individualista, que nega os espaços de participação política, tão importantes para a formação acadêmica. No ‘movimento estudantil’ encabeçado pela direita, há um fortalecimento da meritocracia, contra as políticas de democratização de acesso ao ensino superior, em favor de um ensino excludente e elitista. Na Universidade Federal da Bahia, podemos apontar a experiência do “Movimento Não-Alinhados”, que levanta a bandeira do “sem partido”, mas na verdade é liderado pela Juventude do Partido Democratas.

Movimento Brasil Livre, Tucanafro e Partido da Mulher Brasileira são alguns dos exemplos que mostram como a direita tem buscado se apropriar de lutas, historicamente, pautadas pela esquerda brasileira, e isso é preocupante. Sabemos que a ocupação das ruas por jovens mobilizados pelo MBL, a narrativa de “igualdade racial” feita pelo Secretariado da Militância Negra do PSDB e a “equidade de gênero” buscada pelo PMB escondem o real intuito: se apropriar de nossas lutas e esvaziá-las, associando-as a um projeto econômico neoliberal. A representatividade que reivindicamos, enquanto jovens, negros e negras, mulheres, não está desconectada de um projeto de sociedade: pautamos o direito à cidade, a descriminalização do aborto, o fim da cultura do estupro, o fim do genocídio da população negra, a criminalização da LGBTfobia, tudo isso a partir de uma visão anticapitalista, antineoliberal.

A direita tem se renovado. A ascensão de quadros jovens nos espaços de poder mostra a sagacidade do conservadorismo em compreender a importância de dialogar com os setores de juventude, dá um sentimento de “frescor” à velha política. Sabemos que se trata de uma mentirosa renovação, visto que esses jovens são, nada menos, que herdeiros dos homens que antes ali estavam e que reproduzem a política neoliberal, racista, misógina e antipopular. Podemos dizer que atualizam a velha cultura política, e renovam a partir de uma perspectiva nepotista, sendo que muitos quadros novos no legislativo e no executivo, são filhos dos políticos e servem a manutenção do projeto de poder de suas famílias..

O crescimento do conservadorismo impõe um grande desafio para as organizações progressistas. Nestas eleições municipais, será imprescindível fazermos uma forte disputa de opinião ideológica nos setores populares a fim de fortalecer, renovar e reerguer um projeto que revolucionou a vida da classe trabalhadora em nosso país. Essa disputa precisa ser feita em todos os espaços, seja na rua, onde, cotidianamente, o povo está presente ocupando o mundo do trabalho, seja nas redes, onde a direita tem fortalecido um processo de polarização com nossas pautas e construído narrativas carregadas de ódio e fascismo.

Essa polarização extrapola as redes sociais e é vivenciada nos espaços de aprendizado, ou seja, dentro das escolas e das universidades. Diariamente, acompanhamos casos de violência contra as mulheres, contra o povo negro, contra as/os LGBTQs e, para além disso, há uma forte tônica no processo de criminalização dos movimentos sociais dentro das instituições de ensino. Ainda este mês, o estudante de Letras, Diego Vieira Machado, foi assassinado dentro do campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O motivo dessa crueldade: Diego era gay, negro e residente. Diego era a representação de tudo que o neofascismo e o conservadorismo desejam expulsar destes espaços que eram tidos como privilégios pelas classes dominantes e hoje, também são espaços de direitos, graças às políticas dos governos petistas.

No último final de semana, foi realizado, em São Paulo, o 64º Conselho Nacional das Entidades Gerais da União Nacional dos Estudantes (CONEG-UNE). Contando com a presença de mais de 500 estudantes, o maior encontro de DCEs do Brasil discutiu e traçou importantes rumos para o movimento estudantil no próximo período. É indispensável a ação de cada entidade geral e de base na luta contra o golpe e contra todo retrocesso personificado nas figuras do presidente ilegítimo, Michel Temer, e do ministro democrata da Educação, Mendonça Filho.

Muitos avanços conquistados, duramente, pela classe trabalhadora e pelos movimentos sociais estão sendo colocados em risco com esse desgoverno. O anúncio de cortes em programas estratégicos, como o FIES, o PROUNI, o PRONATEC, representam uma grande derrota para o povo. É urgente a mobilização em oposição a tudo o que Michel Temer simboliza e, mais ainda, pela concretização da educação que queremos: mais popular, mais negra, mais feminista e mais colorida. Não aceitaremos qualquer tipo de corte para educação, uma vez que o orçamento já é insuficiente para as nossas demandas, e lutaremos contra a privatização do ensino, política que tem ganhado força em pastas estratégicas dentro do MEC. A ação do movimento estudantil é fundamental dentro das faculdades particulares, visto que grande parte das trabalhadoras e dos trabalhadores estão nesse espaço, e das faculdades públicas, buscando a consolidação de um projeto de esquerda que batalhe por um ensino democrático. A União Nacional das e dos Estudantes coloca na rua uma importante agenda que irá revigorar e reoxigenar a luta pela defesa da democracia no país. O 5º Encontro de Negros, Negras e Cotistas da UNE, que será realizado nos dias 5, 6 e 7 de agosto, na cidade de Salvador/BA, irá, sem dúvidas, consolidar estratégias alternativas aos projetos reacionários, como o “Escola Sem Partido”, e apontará significativas saídas para a autonomia e liberdade plena da juventude negra brasileira.

Na semana seguinte, milhares de estudantes construirão a Jornada de Lutas contra o golpe. Nos dias 11 a 15 de agosto, os DCEs, centros e diretórios acadêmicos vão colocar seus blocos na rua, construindo ações irreverentes e fortalecendo a luta em defesa da democracia.

O movimento estudantil tem cumprido um papel central em defesa dos direitos das/dos estudantes em nosso país e na luta pela soberania popular. O movimento estudantil tem lado. Nosso lado é ao lado do povo, da classe trabalhadora, das mulheres, das negras e dos negros, das/dos LGBTQs. Estamos do lado da democracia, do lado de quem teve, ao longo da história, seus direitos negados, do lado de quem não aceitará nenhum

retrocesso.

**Fora Temer!**

**Fora Mendonça Filho!**

**Contra a Escola sem Partido, VAI TER LUTA!**

\*Lara Carina Amorim, estudante de Cinema na FTC, é militante da Kizomba e vice-presidenta da União das e dos Estudantes da Bahia

Compartilhe nas redes: